



---

TEOLOGIA DE  
PAULO

O APÓSTOLO DA GLÓRIA DE DEUS EM CRISTO

---

THOMAS R. SCHREINER

Considerando a grande quantidade de estudos acadêmicos sobre Paulo, escrever uma teologia do apóstolo é, sem dúvida, um grande desafio [...] Schreiner se sai admiravelmente bem no que se propõe, ao conferir um tratamento de elevada competência ao assunto, destacando-se em pelo menos três aspectos: ao focalizar Paulo como missionário, ao identificar “Deus em Cristo” como núcleo da teologia paulina e ao afirmar que as treze cartas atribuídas a Paulo são autênticas.

ANDREAS KÖSTENBERGER, Southeastern Baptist Theological Seminary

Um exame profundamente exegético da teologia de Paulo. Mesmo aqueles que discordam de algumas das conclusões do autor se beneficiarão do tratamento imparcial que Schreiner confere às demais posições.

FRANK THIELMAN, Beeson Divinity School

As habilidades do autor como exegeta experiente e escritor competente se fundem em uma feliz combinação nessa excelente obra sobre a teologia paulina. Schreiner não apenas apresenta os principais temas da teologia de Paulo com excepcional clareza, mas também oferece perspectivas esclarecedoras sobre as complexidades dos estudos paulinos atuais, bem como inúmeras aplicações para a vida da igreja contemporânea.

CLINTON E. ARNOLD, Talbot School of Theology

# PREFÁCIO

Meu objetivo ao escrever este livro foi redigir um manual sobre a teologia paulina para estudantes universitários e seminaristas. Não pretendo, portanto, interagir exaustivamente com outros estudiosos, embora dialogue com eles o suficiente para mostrar que estou a par do que está acontecendo com os estudos paulinos. Alguns livros prestam grande serviço ao traçar o cenário fornecido pelas fontes secundárias. Meu principal objetivo, porém, consiste em explicar o texto bíblico, uma vez que os estudantes precisam compreender que as fontes primárias são fundamentais para a construção da teologia paulina. Minha intenção é propor e defender a compreensão particular que tenho da teologia paulina. Reconheço desde já que não escrevi uma teologia definitiva de Paulo, mas espero que outros possam se beneficiar desse meu embate com o texto.

Se compararmos minha obra com a recente e magnífica teologia paulina de James Dunn, três grandes diferenças, no mínimo, saltarão aos olhos. Primeiramente, a teologia de Dunn é uma obra colossal, que examina o texto bíblico e interage com as fontes secundárias. Tal iniciativa é extremamente útil, porém, como não dialogo exaustivamente com fontes secundárias, limitei o tamanho deste livro. Em segundo lugar, tentei organizar meu livro de modo diferente. Dunn usa Romanos como ponto de partida para organizar a teologia de Paulo, um procedimento bastante útil. Contudo, não creio que haja *apenas uma maneira* de estruturar a teologia paulina. Creio que minha perspectiva abre novas portas para a teologia do apóstolo ao se concentrar em Paulo como missionário e em seus sofrimentos apostólicos — dois tópicos negligenciados com frequência nas teologias paulinas. Sustento também que a obra de Deus em Cristo é o fundamento e o alvo dessa teologia. Acredito que seja um erro identificar alguns dos aspectos da salvação, seja a justificação ou a história da salvação, como chaves para o pensamento de Paulo. Em terceiro lugar, Dunn exclui Efésios e as Cartas Pastorais do seu estudo, e acha que Colossenses foi escrito por Timóteo enquanto Paulo ainda era vivo. Estou convencido, entretanto, de que todas as treze cartas são autênticas. Não investigo em minha teologia a questão da autenticidade; em vez disso, remeto o leitor a outros que trataram com eficácia do assunto.<sup>1</sup> A teologia paulina que apresento aqui, portanto, é diferente, uma vez que

<sup>1</sup>Entre os comentaristas recentes que defendem a autenticidade das epístolas pastorais cito J. N. D. Kelly, Joachim Jeremias, Donald Guthrie, Gordon Fee, George Knight III, Philip H. Towner, Luke Johnson e William Mounce. E ainda E. Earle Ellis, “Pseudonymity and canonicity of New Testament documents”, in: M. J. Wilkins; T. Paige, orgs., *Worship, theology and ministry in the early church: essays in honor of Ralph P. Martin*, JSNTSup 87 (Sheffield: JSOT, 1992), p. 212–4.

todas as treze cartas atribuídas a Paulo são objeto de estudo com o propósito de decifrar sua teologia.

Por fim, quero agradecer àqueles que me auxiliaram a escrever este livro. Agradeço a Dan Reid, editor de obras acadêmicas de referência da InterVarsity Press, por seu encorajamento e assistência. Dan é especialista em estudos paulinos e, portanto, fez numerosas sugestões que foram incorporadas ao livro, tornando-o ainda melhor. Frank Thielman, professor de Novo Testamento na Beeson Divinity School, leu o manuscrito inteiro, apontou algumas deficiências que precisavam ser corrigidas e me incentivou o tempo todo. Boyd Luter, reitor do Criswell College, se ofereceu para ler a obra inteira num prazo mínimo, corrigiu vários erros e fez comentários que me ajudaram bastante em várias partes do texto. Justin Taylor leu o manuscrito todo, corrigiu inúmeros erros e fez muitas sugestões úteis. Cinco estudantes do Seminário Teológico Batista do Sul [STBS] me ajudaram enormemente. Meu amigo de muitos anos e companheiro de doutorado na época em que éramos *Garrett fellows*,<sup>2</sup> Philemon Yong, procurou referências, copiou os artigos necessários e revisou cuidadosamente o manuscrito. Jeff Evans e Jim Hamilton revisaram o livro num prazo curtíssimo. Agradeço sua ajuda pelos erros que descobriram. Agradeço também a Randall Tan e Brian Vickers, editores do *The Southern Baptist Journal of Theology*. Randall Tan leu atentamente o manuscrito e fez muitas sugestões, trazendo melhorias. Agradeço especialmente a Brian Vickers pelo carinho e atenção com que leu o manuscrito e por suas numerosas sugestões de estilo. Todos os que leram o livro o tornaram melhor do que era, pelo que agradeço. Quero também agradecer à minha esposa Diane por seu amor. Sua fidelidade para comigo nesses 25 anos de casados tem sido um manancial de vida para mim. Dedico este livro aos nossos filhos, Daniel, Patrick, John e Anna, que têm sido em minha vida fonte de indescritível alegria. Por fim, oro a Deus para que ele seja glorificado e louvado por meio de Jesus Cristo pelo que escrevi aqui. A graça do nosso Deus glorioso me sustentou enquanto escrevia.

<sup>2</sup>Os *Garrett fellows* auxiliavam os professores do STBS em algumas de suas funções. (N. do T.)

# SIGLAS E ABREVIATURAS

AB	Anchor Bible
AGJU	Arbeiten zur Geschichte des antiken Judentums und des Urchristentums
AnBib	Analecta biblica
<i>Apoc. Moïis.</i>	<i>Apocalypse de Moïis</i>
BBB	Bonner biblische Beitrage
2Br	<i>2Baruque (Apocalypse Siraco)</i>
BBR	<i>Bulletin for Biblical Research</i>
BECNT	Baker Exegetical Commentaries on the New Testament
BEP	Bıblia Sagrada Ediao Pastoral
BETL	Bibliotheca ephemeridum theologiarum lovaniensium
<i>Bib</i>	<i>Biblica</i>
<i>BJRL</i>	<i>Bulletin of the John Rylands University Library of Manchester</i>
<i>BSac</i>	<i>Bibliotheca sacra</i>
<i>BZ</i>	<i>Biblische Zeitschrift</i>
BZNW	Beihefte zur Zeitschrift fur die neutestamentliche Wissenschaft
<i>CBQ</i>	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
<i>Chm</i>	<i>Churchman</i>
2Ed	2Esdras
Eo	Eclesiastico
<i>EvQ</i>	<i>Evangelical Quarterly</i>
<i>ExAud</i>	<i>Ex auditu</i>
FRLANT	Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und Neuen Testaments
<i>HBT</i>	<i>Horizons in Biblical Theology</i>
<i>HTR</i>	<i>Harvard Theological Review</i>
ICC	International Critical Commentary
<i>Int</i>	<i>Interpretation</i>
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JETS</i>	<i>Journal of the Evangelical Theological Society</i>
<i>JSNT</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament</i>
<i>JSNTSup</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament Supplement Series</i>
<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies</i>
LEC	Library of Early Christianity
LXX	Septuaginta
<i>Mart. Pol.</i>	<i>Martırio de Policarpo</i>
NICNT	New International Commentary on the New Testament
NIGTC	New International Greek Testament Commentary
NIVAC	NIV Application Commentary Series
<i>NovT</i>	<i>Novum Testamentum</i>
<i>NovTSup</i>	<i>Novum Testamentum Supplements</i>
NTAbh	Neutestamentliche Abhandlungen

<i>NTS</i>	<i>New Testament Studies</i>
<i>Or. Sib.</i>	<i>Oráculos Sibilinos</i>
<i>PSBSup</i>	<i>Princeton Seminary Bulletin</i> Supplement
<i>PTMS</i>	Pittsburgh Theological Monograph Series
<i>RTR</i>	<i>Reformed Theological Review</i>
<i>Sb</i>	Sabedoria de Salomão
<i>SBG</i>	Studies in Biblical Greek
<i>SBLDS</i>	Society of Biblical Literature Dissertation Series
<i>SBLMS</i>	Society of Biblical Literature Monograph Series
<i>SBT</i>	Studies in Biblical Theology
<i>SJLA</i>	Studies in Judaism in Late Antiquity
<i>SJT</i>	<i>Scottish Journal of Theology</i>
<i>SNT</i>	Studien zum Neuen Testament
<i>SNTSMS</i>	Society for New Testament Studies Monograph Series
<i>StudBibT</i>	<i>Studia Biblica et Theologica</i>
<i>TBei</i>	<i>Theologische Beiträge</i>
<i>Them</i>	<i>Themelios</i>
<i>TJ</i>	<i>Trinity Journal</i>
<i>TM</i>	Texto Massorético
<i>Sl. Sal.</i>	<i>Salmos de Salomão</i>
<i>T. Levi</i>	<i>Testamento de Levi</i>
<i>TynBul</i>	<i>Tyndale Bulletin</i>
<i>TZ</i>	<i>Theologische Zeitschrift</i>
<i>USQR</i>	<i>Union Seminary Quarterly Review</i>
<i>WBC</i>	Word Biblical Commentary
<i>WEC</i>	Wycliffe Evangelical Commentary
<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal</i>
<i>WUNT</i>	Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament
<i>ZNW</i>	<i>Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche</i>

cap(s).	capítulo(s)
cf.	conforme; confira
ed.	edição
esp.	especialmente
ibidem	mesmas referências da nota anterior
i.e.	isto é
org(s).	organizador(es)
paral.	paralelos
p.	página(s)
p. ex.	por exemplo
rev.	revisada
tb.	também
vol(s).	volume(s)

# INTRODUÇÃO

## A CENTRALIDADE DE DEUS EM CRISTO NA TEOLOGIA DE PAULO

O objetivo de escrever uma teologia paulina é trazer à tona a cosmovisão de Paulo e apresentá-la aos contemporâneos. A tarefa não consiste meramente em re-produzir o pensamento de Paulo sobre vários assuntos, mas em avaliar devidamente o que é mais importante em seu pensamento e apresentar as conexões internas entre os vários temas. Trata-se de uma tarefa desafiadora, uma vez que a teologia paulina é complexa e exposta em cartas circunstanciais escritas às igrejas. Se os estudiosos debatem a natureza da teologia de João Calvino, embora ele tenha escrito um resumo organizado de sua teologia nas *Institutes of the Christian religion*,<sup>3</sup> quanto mais difícil será compreender a teologia de Paulo, uma vez que não dispomos de uma explicação sistemática do seu pensamento. Seria ingênuo e pretensioso da minha parte afirmar ter descoberto a chave para sua teologia. Contudo, creio ter identificado alguns temas que não foram suficientemente analisados na maior parte das obras clássicas sobre o apóstolo. O objetivo deste livro não é interagir ponto a ponto com outros estudiosos que analisaram o pensamento paulino.<sup>4</sup> Um empreendimento desses tornaria o livro grande demais (e tedioso!). Ficará claro, porém, que a presente obra não foi feita no vácuo e que as contribuições de outros especialistas constituem o pano de fundo do que é discutido aqui. As notas de rodapé em cada capítulo informam a fonte de uma citação ou indicam obras a serem consultadas para o aprofundamento da pesquisa.

O objetivo deste livro é compreender o que Paulo diz e fazê-lo nas proporções apropriadas. Adolf Schlatter disse acertadamente que o mais difícil de observar, não raro, é o que está bem diante dos nossos olhos, porque podemos achar que a tínhamos compreendido, quando, na verdade, nosso contato com a realidade é apenas superficial. Ele observa com muita percepção:

<sup>3</sup>Edições em português: João Calvino, *As institutas*, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 4 vols.; *A instituição da religião cristã*, tradução de Carlos Eduardo Oliveira; José Carlos Estêvão (São Paulo: Editora Unesp, 2008).

<sup>4</sup>Para as duas análises mais recentes e proveitosas do pensamento de Paulo, veja Ben Witherington III, *Paul's narrative thought world: the tapestry of tragedy and triumph* (Louisville: Westminster John Knox, 1994) e James D. G. Dunn, *The theology of Paul the apostle* (Grand Rapids: Eerdmans, 1998) [edição em português: *A teologia do apóstolo Paulo*, tradução de Edwino Royer (São Paulo: Paulus, 2003)]. Para a resenha que fiz desta última, veja *Trinity Journal* 20 (1999), p. 95-100. Qualquer leitor que compare minha obra com a de Witherington e a de Dunn verá que divirjo deles em vários pontos importantes. Para uma análise mais breve, veja N. T. Wright, *What St. Paul really said: was Paul of Tarsus the real founder of Christianity?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1997).

A primeira tarefa da teologia do Novo Testamento consiste em atentar para os fatos do que se está discutindo, e seria infantil achar que não há mais nada para fazermos, uma vez que inúmeros estudiosos já vêm analisando o Novo Testamento há muito tempo. Isso só mostraria o pouco que sabemos sobre a extensão da tarefa expressa pelo termo “observação”. O que aconteceu excede, em totalidade e profundidade, nosso poder de observação, e é inquestionável que ainda não se chegou ao fim nem mesmo da função mais simples e básica do estudo do Novo Testamento, a saber, observar o que lá está.<sup>5</sup>

Schlatter está certo ao dizer que a tarefa é de tal amplitude que ninguém pode dizer que já viu tudo o que há nos documentos antes de nós. E espero ainda apresentar uma nova visão de Paulo aos estudantes, de um modo relativamente não técnico.

## O centro do pensamento de Paulo

Os estudiosos vêm tentando identificar o tema central do pensamento paulino desde que a teologia bíblica firmou-se como disciplina.<sup>6</sup> Mas o simples número de propostas tem levado alguns a duvidar de que seja possível identificar algum centro nessa teologia. Assim, descarta-se a busca de um centro por ser considerada uma tentativa de apreender o inapreensível. Cheira a pretensão iluminista achar que é possível resumir tudo em uma ideia principal. Qualquer coisa que entre em conflito com o tema central é posto de lado ou domesticado. No processo, o Paulo genuíno, com suas pontas e arestas, é aparado para caber em uma teoria pré-fabricada. O perigo de impor um centro estranho ao pensamento de Paulo é real, e pode ser que nenhum tema específico dê conta de todo o pensamento do apóstolo. Um dos problemas quanto a isso diz respeito ao termo *centro* em si. Se um tema está no centro, então podemos formar uma imagem ou quadro em nossa mente no qual outros ensinamentos de Paulo irradiam-se a partir desse centro. Se pensarmos nele como o ponto central de um alvo e em outros temas paulinos como círculos concêntricos em torno desse ponto, teremos a impressão de que alguns ensinamentos paulinos são essenciais, uma vez que estão próximos do centro, ao passo que outros são periféricos e insignificantes, já que se encontram longe dele. Podemos ser tentados,

<sup>5</sup>“The theology of the New Testament and dogmatics”, in: Robert Morgan, org., *The nature of New Testament theology*, SBT 25 (Naperville: SCM, 1973), p. 136.

<sup>6</sup>Há várias obras sobre a história e a natureza da teologia do Novo Testamento. O livro organizado por Morgan, citado na nota anterior, é uma fonte importante nesse sentido. A obra mais útil para mapear as discussões contemporâneas da teologia neotestamentária é de autoria de Gerhard Hasel, *New Testament theology: basic issues in the current debate* (Grand Rapids: Eerdmans, 1978) [edição em português: *Teologia do Novo Testamento: questões fundamentais do debate atual*, tradução de Jussara Marindir Pinto Simões Arias (Rio de Janeiro: JUERP, 1988)]. Hasel resume a história do movimento, as principais obras escritas sobre o assunto e as várias metodologias empregadas. Discute também a tentativa de identificar um centro único. Curiosamente, Hasel sustenta que somente “Deus” é um tema amplo o bastante para ser o centro da teologia do Novo Testamento.

portanto, a construir um “cânone dentro do cânone”, em que o núcleo representa as convicções “reais” de Paulo e em que outros temas (que se encaixam em “nosso” centro) são considerados secundários e sem importância. A imagem de um centro poderia resultar em uma concepção estática da teologia paulina, com um tema que se torna hegemônico, enquanto os demais se organizam em conformidade com ele. Não se estabelece nenhuma ligação fundamental entre os vários temas, e a iniciativa toda parece ser surpreendentemente subjetiva.

Alguns dos centros propostos, porém, foram bem acolhidos por muitos estudiosos de Paulo. Para eles, esses temas têm amplitude suficiente para possibilitar que se façam outras análises ou até mesmo para que sejam aceitos como o centro por excelência. Pensamos em temas como a justificação, que foi defendido por Ernst Käsemann, Peter Stuhlmacher e Karl Kertelge;<sup>7</sup> a reconciliação, proposto por Ralph Martin;<sup>8</sup> a doutrina mística de estar “em Cristo”, apresentada por Albert Schweitzer, ou a participação em Cristo, explicada por E. P. Sanders;<sup>9</sup> a história da salvação, tema defendido por Herman Ridderbos e Marvin Pate;<sup>10</sup> ou o triunfo apocalíptico iminente de Deus, sustentado por J. Christiaan Beker.<sup>11</sup> Não é intenção desta obra discutir os méritos e os deméritos de cada uma dessas propostas. Elas não teriam o apelo que têm se esses fossem temas secundários em Paulo. Sua importância evidente fez com que alguns estudiosos propusessem, e outros ratificassem, sua centralidade. Entretanto, com igual ênfase, outros têm negado que esses temas variados possam servir de centro do pensamento paulino, porque em cada um desses casos há temas paulinos que não se encaixam muito bem no centro dessas propostas.

<sup>7</sup>Para a interpretação que Ernst Käsemann faz de justiça, veja *Commentary on Romans* (Grand Rapids: Eerdmans, 1980), e seu ensaio “God’s righteousness in Paul”, *Journal of Theology and Church* 1 (1965): 100–10. Para Peter Stuhlmacher, veja *Gerechtigkeit Gottes bei Paulus*, FRLANT 87 (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1965), e seu ensaio “The apostle Paul’s view of righteousness”, in: *Reconciliation, law and righteousness: essays in Biblical Theology* (Philadelphia: Fortress, 1986), p. 68–93. Karl Kertelge é um estudioso católico romano que tem enfatizado a centralidade da justificação. Veja seu *Rechtfertigung bei Paulus: Studien zur Struktur und zum Bedeutungsgehalt des paulinischen Rechtfertigungsbegriffs*, 2. ed., NTAbh 3 (Münster in Westfalen: Aschendorff, 1967). Para uma defesa recente da centralidade da justificação numa perspectiva diferente da de Käsemann e Stuhlmacher, veja Mark A. Seifrid, *Justification by faith: the origin and development of a central Pauline theme*, NovTSup 68 (Leiden: Brill, 1992), e seu *Christ, our righteousness: Paul’s theology of justification* (Downers Grove: InterVarsity, 2001) [edição em português: *Justificado em Cristo: o argumento da teologia paulina*, tradução de Olavo Ribeiro (São Paulo: Hagnos 2014)].

<sup>8</sup>Ralph P. Martin, *Reconciliation: a study of Paul’s theology*, ed. rev. (Grand Rapids: Zondervan, 1989).

<sup>9</sup>Albert Schweitzer, *The mysticism of Paul the apostle* (New York: Henry Holt, 1931); E. P. Sanders, *Paul and Palestinian Judaism: a comparison of patterns of religion* (Philadelphia: Fortress, 1977).

<sup>10</sup>Herman Ridderbos, *Paul: an outline of his theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1975) [edição em português: *A teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo aos gentios*, tradução de Susana Klassen (São Paulo: Cultura Cristã, 2004)]; C. Marvin Pate, *The end of the age has come: the theology of Paul* (Grand Rapids: Zondervan, 1995).

<sup>11</sup>J. Christiaan Beker, *Paul the apostle: the triumph of God in life and thought* (Philadelphia: Fortress, 1980).

Minha opinião é que cada um desses temas falha em seu papel de “centro” pela mesma razão. Todo centro que for proposto suprime parte do evangelho que Paulo pregava. Ao tornar, por exemplo, a justificação como centro, exalta-se o dom acima do doador. O dom em si não é mais importante no pensamento de Paulo do que a pessoa que o concedeu. Pode-se fazer uma objeção semelhante à ideia de que a reconciliação mereceria lugar de destaque. Tampouco a história da salvação ou o triunfo apocalíptico de Deus se sairiam melhor. Nesses casos, o cumprimento das promessas de Deus na história da redenção é destacado. Jesus Cristo é reconhecido como o sustentáculo da história, porém o foco está voltado para a história da salvação, da reconciliação ou do apocalipse, em vez de privilegiar Deus e Jesus Cristo. A revelação do plano de Deus na história não pode ser mais central do que a própria pessoa que gera e sustenta esse plano. O cumprimento das promessas salvíficas de Deus é da maior importância. Seria um erro, entretanto, se as promessas recebessem mais atenção do que aquele que as fez e as cumpriu. Alguns poderiam objetar que também impus sobre Paulo meu “centro” preferido. Talvez essas pessoas achem que eu coloquei uma matriz pré-moldada sobre o material paulino, de modo que meus temas prediletos se sobressaíam vitoriosos. Devemos todos tomar o cuidado de não pré-formatar o apóstolo de modo que sua voz não seja ouvida. Posso dizer apenas que, a esta altura, procurarei mostrar neste capítulo introdutório que a centralidade de Deus em Cristo não é imposta de fora, mas se justifica por meio de um estudo *indutivo* de suas cartas.

## A imagem de um edifício

A imagem de um edifício pode nos ajudar a visualizar o coração e a alma da teologia paulina. Não estou usando essa ilustração da mesma forma que Paulo a usa, em que ela funciona como metáfora da igreja. Por exemplo, o apóstolo descreve Apolo e ele mesmo como trabalhadores no edifício de Deus, isto é, na igreja de Jesus Cristo (1Co 3.5-9). Paulo desempenha o papel vital daquele que lança o fundamento do edifício (isto é, da igreja), e adverte que aqueles que nele trabalham devem ter o cuidado de construí-lo sobre esse alicerce (1Co 3.9-15). O fundamento do edifício é o próprio Jesus Cristo (1Co 3.11). De igual modo, em Efésios 2.20-22, Paulo imagina a igreja como templo de Deus, embora aqui o fundamento sejam os apóstolos e os profetas, e Jesus, a pedra de esquina. Emprego a ilustração do edifício porque ela é bastante sugestiva para a concepção da teologia paulina, e não porque o próprio Paulo tenha fornecido tal ilustração. Nenhuma analogia cabe perfeitamente quando tentamos comunicar o evangelho que Paulo pregava. Visualizar o pensamento de Paulo como um edifício em construção nos oferece uma porta de acesso a seu pensamento. Esse acesso nos permite entrar em sua cosmovisão.

O fundamento do edifício é o próprio Deus. A partir dele se define a forma dessa construção e dele depende totalmente para seu crescimento. O edifício nessa

ilustração representa o plano salvífico de Deus na história, e faz parte desse plano o papel da igreja na história. Deus é o fundamento de tudo o que ocorre, “porque a partir dele, por meio dele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória eternamente” (Rm 11.36).<sup>12</sup> Gostaríamos de destacar aqui a expressão *a partir dele* (*ex autou*): Deus é a fonte de todas as coisas — ele é o fundamento. Este versículo não foi arrancado de seu contexto, uma vez que Paulo introduz esse pensamento *depois* de explicar, em Romanos 9—11, o *plano salvífico* de Deus, por meio do qual tanto gentios quanto judeus se beneficiarão de sua misericórdia redentora. Deus construiu a história de modo que pudesse derramar sua misericórdia abundante tanto sobre judeus quanto sobre gentios. Temos a confirmação de que esse Deus é a origem de todas as coisas em 1Coríntios 8.6: “Mas para nós há um só Deus, o Pai, de quem procedem todas as coisas”. Uma vantagem de pensar em Deus como fundamento é que os outros ensinamentos de Paulo deixam, então, de ser concebidos como círculos concêntricos cada vez mais distantes do núcleo. Quer Paulo pense na justificação, na reconciliação ou no pecado, o fato é que tudo se baseia no fundamento; essas coisas não estão separadas dele, tampouco estão distantes. São temas que estruturam o edifício, e o fazem detalhadamente, porém todos eles dependem do fundamento. Uma vez que Deus é o fundamento do edifício — que dele depende para sua sobrevivência —, ele merece ser honrado por sua construção. Paulo chega exatamente a essa conclusão em Romanos 11.36. Já que Deus é aquele *de quem procedem todas as coisas*, quem recebe a glória é ele.

Essa ilustração evidencia também a importância da história da salvação, algo que com frequência se chama de dimensão do “já, mas ainda não” da teologia paulina. Quando nos referimos à história da salvação, pensamos no cumprimento do plano salvífico de Deus e em suas promessas. O cumprimento desse plano de Deus na história é anunciado no evangelho proclamado por Paulo. As promessas feitas a Israel no Antigo Testamento, naquele momento, tornavam-se realidade no ministério, na morte e na ressurreição de Jesus Cristo e por meio dele. As promessas de salvação de Deus já são uma realidade para o crente em Jesus Cristo — nesse sentido, o plano de Deus “já” está sendo cumprido. O dom do Espírito Santo, por exemplo, mostra que as promessas da aliança divina são agora uma realidade para aquele que crê. Contudo, os crentes ainda aguardam a consumação da história da salvação. Nesse sentido, “ainda não” desfrutamos de tudo o que Deus prometeu. Os crentes, que já têm o dom do Espírito, ainda lutam com o pecado e aguardam o dia quando seus corpos serão ressuscitados (Rm 8.18–25). A história da salvação, portanto, poderia ser simbolizada pela reforma do edifício, uma vez que a nova aliança cumpre o que foi prometido pela antiga (Jr 31.31–34; 2Co 3.4–18). A imagem de uma “reforma”,

<sup>12</sup>O texto de todas as passagens bíblicas é fruto de tradução feita pelo próprio autor, exceto quando indicado em contrário.

porém, pode levar a equívocos se sugerir que Deus “começa do zero” com a igreja. Talvez devêssemos pensar no Antigo Testamento como a estrutura do edifício e no cumprimento da história da salvação como a conclusão do seu interior. Poderíamos também dizer que o tema da história da salvação é o evangelho de Deus (Rm 1.1). Portanto, a imagem do edifício capta muito bem as várias dimensões da teologia paulina — o fundamento é Deus e Cristo, a história da salvação mostra o progresso feito no edifício, e o tema do edifício é o evangelho.

## Deus e Cristo

Deus não é somente o *fundamento* do edifício; ele e seu Filho, Jesus, o Messias, são os *meios* pelos quais ele é erguido. Eles são os arquitetos, os construtores e os trabalhadores que o edificam. Dizer que Deus é aquele que constrói o edifício não nega o papel dos seres humanos em sua construção. Já dissemos que Paulo lança o fundamento do edifício (isto é, a igreja) e outros constroem sobre esse alicerce (1Co 3.9-15). Contudo, a obra realizada por Paulo e por outros é, no fim das contas, atribuída a Deus (1Co 3.5). Um planta e outro rega, “mas Deus é quem dá o crescimento” (1Co 3.7). E o fundamento do edifício não é outro senão Jesus Cristo (1Co 3.11).

Não se deve imaginar Deus (ou Cristo) meramente como fundamento estático do edifício; ele está participando de sua construção neste exato momento. Uma vez mais, Romanos 11.36 e 1Coríntios 8.6 se completam. O edifício não apenas provém de Deus, mas também existe “por meio dele” (Rm 11.36). Paulo diz com frequência que Jesus Cristo é agente de Deus. Em 1Coríntios 8.6, ele diz que há “um Senhor, Jesus, o Messias, através de quem todas as coisas existem e por meio dele também nós existimos”. Jesus é o agente por meio do qual todas as coisas, sem exceção, existem. Um tema semelhante ecoa também em Colossenses. Tudo no universo é criado “em Cristo”, quer sejam coisas terrenas, quer celestiais. Em outras palavras, “todas as coisas foram criadas por meio dele e para ele” (1.16). Nada existe no universo à parte da obra criadora e mediadora de Cristo. Também não é certo pensar na obra de Cristo somente em termos de passado, como se ele tivesse trazido o mundo à existência e depois o deixasse à mercê de sua própria força. Colossenses 1.17 explica que “todas as coisas subsistem nele”. O mundo natural subsiste e segue adiante por causa da obra dinâmica do Filho, que o sustenta e preserva continuamente. Basta dizer que há ampla evidência de que o edifício, quer seja entendido como o povo de Deus quer seja como o universo, não subsistiria sem a obra de sustentação e preservação do Pai e do Filho.

Prosseguindo com a ilustração, qual é o objetivo final do edifício? Não é a edificação em si, seja ela concebida como justiça, reconciliação, história da salvação ou apocalipse divinos. Todos esses temas são parte do edifício, mas não são o fim para o qual ele foi construído. O cumprimento da história da salvação não pode,

em si mesmo, ser o objetivo dessa história, porque isso seria redundância. Em vez disso, Deus construiu o edifício para sua honra e glória. Romanos 11.36 aparece novamente como texto crucial: “Porque a partir dele, por meio dele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória eternamente”. Não apenas todas as coisas têm sua fonte e agência em Deus, como ele é também aquele “para quem” (*eis auton*) existem todas as coisas. De igual modo, em 1Coríntios 8.6, depois de dizer que todas as coisas procedem do Pai, Paulo atinge o ponto máximo quando afirma que “existimos para ele” (*hymeis eis auton*). Essa linguagem não se restringe ao Pai, porque não só todas as coisas foram criadas por meio da ação do Filho, como também “todas as coisas foram criadas para ele” (Cl 1.16). A razão por excelência para a criação do mundo e para o cumprimento da história da salvação (veja Rm 11.36) teve como causa o Pai e o Filho. Sem dúvida a metáfora do edifício é imperfeita, uma vez que, por exemplo, o Pai é tanto o fundamento dele quanto a razão pela qual ele foi construído. Todavia, a imagem transmite a interação dinâmica dos vários temas bem melhor do que o termo *centro*, além de proporcionar uma imagem representativa, por meio da qual os vários temas paulinos são dispostos sobre a superestrutura da fundação máxima, isto é, o próprio Deus. Ele é a fonte, o meio e o propósito de todas as coisas. Portanto, voltando à imagem do centro, Deus é o centro da teologia paulina. Contudo, dizer que Deus é o centro dessa teologia não significa diminuir a centralidade de Cristo, já que, conforme veremos, a exaltação de Jesus, o Messias, traz glória e louvor a Deus. Talvez possamos dizer que *Deus em Cristo* é o fundamento da teologia paulina.

Quando quisermos avaliar o que é fundamental para um autor, podemos descobri-lo prestando atenção ao que vem à tona em seu discurso à medida que ele trata de vários assuntos. No caso de Paulo, a primazia de Deus e Cristo desponta diversas vezes como tema dominante em seu pensamento. Podemos ser tentados, por exemplo, a pensar que o evangelho é o tema fundamental de Paulo.<sup>13</sup> Afinal de contas, ele foi chamado para ser apóstolo por causa do evangelho (Rm 1.1). Dedicou grande parte da vida à pregação do evangelho e à plantação de igrejas, enche-se de alegria quando seus convertidos permanecem fiéis ao evangelho (1Ts 3), e se entristece profundamente quando o abandonam (Gl 1.6-9). O evangelho, no entanto, é o “evangelho de Deus” (Rm 1.1), indicando que ele não pode ser valorizado acima do Deus que o transforma em realidade. O evangelho é boas-novas porque proclama a mensagem salvadora *sobre Deus e de Deus*, e esse evangelho está centrado no Filho de Deus, que cumpre as antigas profecias (Rm 1.2,3). Observamos como Paulo passa do evangelho de “Deus” para o evangelho “de seu Filho”, uma vez

<sup>13</sup>Joseph A. Fitzmyer (*Paul and his theology: a brief sketch* [Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1989], p. 37-8) afirma que a cristologia e o evangelho são o centro da teologia paulina; portanto, seu centro é bastante próximo do meu.

que na mente do apóstolo a centralidade de Cristo e a centralidade de Deus fazem parte de um mesmo todo. Conforme dissemos anteriormente, o evangelho pode ser concebido como o tema do edifício, ao passo que a glória de Deus e de Cristo constituem seu fundamento.

## O evangelho de Deus em Cristo

A centralidade de Cristo fica evidente na Carta aos Gálatas. Paulo se encontra muito abatido pelo fato de os gálatas terem abandonado o evangelho, porque isso debilita a pessoa e obra de Jesus Cristo. Eles abandonaram a “graça de Cristo por outro evangelho” (1.6). A Torá, de acordo com os adversários de Paulo, é questão decisiva para a salvação do indivíduo. Contudo, se a Torá for assim tão crucial, segue-se que a fé em Jesus Cristo se torna secundária (2.16–21). A essência da vida cristã é a “fé no Filho de Deus” (2.20), mas essa fé fica abalada se a Torá for encarada como a porta de acesso ao povo de Deus. Com efeito, os que promoviam ardentemente a circuncisão atrasavam o relógio da história da salvação. De fato, eles fizeram da lei o clímax da história da salvação, em vez de compreender que o Messias, Jesus, era o cumprimento da promessa feita a Abraão e é o cumprimento das promessas salvíficas de Deus (3.15–4.7). A centralidade de Cristo emerge porque ele é a *única* semente de Abraão (3.16) e, portanto, a entrada na família de Abraão só se dá por meio dele. A lei era um recurso temporário até a vinda de Cristo (3.24). Agora, todos, tanto judeus quanto gentios, podem fazer parte da família de Abraão em Cristo Jesus pela fé (3.26). Não se trata de saber se alguém fez uma operação em determinada parte do corpo; o que importa é se a pessoa foi revestida de Cristo e imersa nele.

De fato, se o destino eterno do indivíduo girar em torno de ele aceitar ou rejeitar a circuncisão (5.2–6), segue-se que Cristo morreu por nada (2.21). Se aqueles que promovem a circuncisão estiverem certos, então a morte de Cristo não é o caminho para entrar no povo de Deus. Em Gálatas, a circuncisão e a cruz de Cristo são extremos opostos: a pessoa vive sob a égide de uma ou de outra. Se o indivíduo adota a circuncisão, então Cristo de nada vale para sua salvação (5.2). Os que desejam ser justos perante Deus em virtude da lei são separados de Cristo e caíram da graça (5.4). Ou a pessoa recebe a marca da circuncisão, ou — como Paulo — carrega no corpo as marcas da morte de Cristo (6.17), aceitando o sofrimento que vem quando o indivíduo abandona a circuncisão e confia em Cristo para sua salvação escatológica. A morte de Cristo (e não a circuncisão) livra as pessoas do mundo mau (1.4). Sua morte ficaria destituída de todo o sentido se a justiça estivesse disponível por intermédio da lei (2.21; cf. 3.1). Aparentemente, os gálatas, ao sucumbirem à circuncisão, acreditaram que a maldição da lei poderia ser removida se eles a guardassem (3.10–12). Contudo, Paulo os refuta afirmando que a maldição só pode ser removida através da obra de Cristo, que se fez maldição por nós, na cruz (3.13). A libertação do poder da lei e do pecado se deve à obra redentora de Cristo (4.4,5).

Se houver salvação na circuncisão, o escândalo da cruz é anulado (5.11). E aqueles que aceitam a circuncisão o fazem para evitar a perseguição da cruz (6.12,13), porque somente através da cruz de Cristo é que se rompe a lealdade à velha ordem do mundo (6.14,15), a qual, por sua vez, inclui a circuncisão!

A primazia de Cristo se manifesta em outra situação notavelmente distinta da que ocorreu na Galácia. Em 1Coríntios 1—4, vemos que a igreja se encontra atormentada por causa de divisões em relação aos ministérios. A longa discussão sobre a sabedoria (1.18—2.16) indica que a briga a respeito dos ministros (Paulo, Apolo, Pedro etc.) girava em torno da avaliação que os coríntios faziam da sabedoria dos vários ministros. Já foram propostas muitas sugestões para explicar a natureza das divisões em Corinto, e não temos a pretensão de solucionar o debate aqui. A teoria mais provável é que a discussão sobre a sabedoria dos ministros não era uma disputa acerca da teologia dos vários líderes. Habilidades retóricas, e não falsos ensinamentos, alimentavam o debate. Duane Litfin e Bruce Winter argumentam de forma persuasiva a favor dessa tese.<sup>14</sup> O mundo greco-romano louvava enfaticamente a retórica, e os palestrantes eram valorizados de acordo com sua capacidade de encantar o público com a arte, a habilidade e o poder de persuasão de sua retórica. O que é surpreendente na resposta de Paulo é sua conclusão de que, se os coríntios são cativados pela perícia retórica de vários ministros, então eles não compreenderam a cruz de Cristo. A devoção à retórica e à habilidade humanas alimentam o orgulho, e qualquer coisa que exalte a sabedoria humana diminui a importância da cruz de Cristo, porque a pregação da cruz reforça a verdade de que os crentes dependem inteiramente de Deus para tudo. A sabedoria humana não é o caminho

<sup>14</sup>Os estudiosos continuam a debater a natureza das divisões presentes em 1Coríntios 1—4. F. C. Baur inaugurou o estudo crítico do texto com sua distinção entre as facções petrinas e paulinas. Veja seu *Paul the apostle of Jesus Christ: his life and work, his epistles and his teachings: a contribution to a critical history of primitive Christianity* (London: Williams & Norgate, 1873), 2 vols. A visão de Baur não conta hoje com muita simpatia, embora sua sombra ainda exerça influência sobre os estudos do Novo Testamento. Várias outras propostas foram feitas desde então, mas não serão analisadas aqui. Para um resumo das inúmeras propostas feitas pelos estudiosos ao longo da história, vale a pena consultar, da autoria de Duane Litfin, *St. Paul's theology of proclamation: 1Corinthians 1—4 and Greco-Roman rhetoric*, SNTSMS 79 (Cambridge: Cambridge University Press, 1994). Em minha opinião, Litfin está correto quando diz que as divisões naquela igreja não podem ser atribuídas a diferenças teológicas entre Pedro, Paulo e Apolo. Essas divisões eram decorrentes da avaliação que os coríntios faziam da “sabedoria” dos vários ministros, e eles avaliavam a “sabedoria” de Paulo e de Apolo por sua habilidade retórica. Alguns coríntios criticavam Paulo e tomavam o lado de Apolo porque achavam a retórica de Paulo inferior. Não creio, porém, que Litfin seja convincente quando diz que o estilo retórico de Paulo era único, no sentido de que ele abria mão de toda e qualquer tentativa de persuadir outros. Paulo se esforçava para convencer outros da legitimidade de seu ponto de vista, mas não confiava nos artifícios de retórica e na eloquência humana para fazê-lo. Para confirmação e aprofundamento da perspectiva de Litfin, veja, de Bruce W. Winter, *Philo and Paul among the sophists*, SNTSMS 96 (Cambridge: Cambridge University Press, 1997).

**T**odo estudante aplicado do Novo Testamento e da teologia cristã precisa conhecer a fundo o apóstolo Paulo. Nesta obra, Thomas Schreiner oferece uma análise sólida e perspicaz da teologia paulina.

Embora seja um profundo conhecedor das questões contemporâneas em torno do pensamento paulino, Schreiner faz aqui uma análise relativamente livre de dados técnicos, indo diretamente ao âmago da questão: “A paixão da vida de Paulo, o fundamento e a pedra angular de sua visão, bem como a razão motivadora de sua missão eram a supremacia de Deus em Jesus Cristo e por meio dele”. Esse tema permeia toda a estrutura de sua obra, e o resultado é uma teologia paulina não apenas informativa, mas também espiritualmente edificante.

*O objetivo de escrever uma teologia paulina é trazer à tona a cosmovisão de Paulo e apresentá-la aos contemporâneos. A tarefa não consiste meramente em reproduzir o pensamento de Paulo sobre vários assuntos, mas em avaliar da forma devida o que é mais importante em seu pensamento, apresentando as conexões internas entre os vários temas.*

**Thomas R. Schreiner**

  
**VIDA NOVA**  
vidanova.com.br

ISBN: 978-85-275-0613-7



7885271506137